

LabEducine

entrevista

Adriana Fresquet¹

Podcast del Laboratorio de Cine y educación
Programa de Posgrado em Artes - PPGARTES
Universidade Estadual do Paraná
Coordinación - Professora **Dra. Solange Stecz**
Producción - **Rafaela Calil**

Nesse episódio,² Adriana Fresquet conta como foi o processo de fundação da Rede Kino e sua importância na articulação de pesquisadores e professores da área de Cinema e Educação.

Solange Stecz: Olá, estamos aqui com mais um episódio do podcast do LabEducine. Hoje iremos dar início ao eixo educação com uma convidada muito especial. Ela é uma das maiores autoridades de cinema e educação no Brasil. Hoje no LabEducine, a professora e pesquisadora Adriana Fresquet.

Adriana é professora associada da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e também membro do programa de pós-graduação em Educação. Ela coordena o Laboratório de Cinema e Audiovisual e desenvolve atividades de pesquisa, ensino

1 Recuperado de https://open.spotify.com/episode/5eFeumZGADQ50FqYw35yTm//https://podcasts.google.com/feed/aHRocHM6Ly9hbmNob3luZm9y8zNDIwYzI5OC9wb2RjYXNoL3Jzcmw/episode/NzjiMzIoY2UtYWE4Ny00NDVjLTkyYzctY-jkxMTQzMmU5NmY3?sa=X&ved=0CAUQkfYCAhcKEwj4son_o-TtAhUAAAAAH-QAAAAQAQ

2 Disponible en <https://go.ivoox.com/rf/66556834>.

e extensão, vinculando políticas e pedagogias do cinema e da educação. Ela também é membro fundadora da Rede Kino, a rede Latino Americana de educação, cinema e audiovisual. Coordena a coleção alteridade e criação da Editora Autêntica, que foi inaugurada com o livro Godard e a Educação, de autoria de Adriana.

Em 2019 e 2020, Adriana realizou estudos de pós-doutorado, cartografando políticas e pedagogias do cinema e a educação na escola, orientada pela professora Inés Dussel, do Centro de Investigação de Estudos Avançados do Instituto Politécnico Nacional da cidade do México. Hoje, Adriana vai nos falar um pouco sobre a Rede Kino.

Adriana, a palavra é sua. Nos fale sobre esse processo, sobre essa articulação em rede de pesquisadores e professores de Cinema e Educação.

Adriana Fresquet: Muito obrigada, Solange. É uma alegria poder compartilhar essa história que embora esteja presente na página da Rede Kino (redekino.com) é importante sempre contar essa história, dar reflexões da voz e da memória.

A Rede Kino foi idealizada, fundamentalmente pela professora Inês Teixeira, da UFMG e Milene Gusmão da Universidade do Estado do Sul da Bahia que estavam em 2008, em dezembro de 2008 participando do 2º Encontro Internacional de cinema e educação da UFRJ, onde entre outros convidados estava presente o professor Alain Bengala e estavam sendo apresentados vários projetos que trabalhavam com cinema e educação no Brasil.

Então, Inês e Milene reuniram em um grupo de colegas, amigas e pessoas interessadas nessa área de fazeres e prática, por exemplo a Marialva Monteiro, Ivete Goulart do Cine Eduque, alguns alunos que estavam perto de Inês naquele momento e era 08 de agosto de 2009 que aconteceu uma reunião na faculdade de educação na universidade federal, onde nos reunimos. Nessa oportunidade, a professora Rosália Duarte não pôde estar presente, mas encaminhou suas sugestões.

Então, o grupo de professoras universitárias e mulheres que já vem trabalhando há quase 30 anos com Cinema e Educação, e alguns colegas, e outros estudantes, o diretor da TVU, nos comprometemos a iniciar uma rede nesse momento, visto que ainda estávamos bem distantes do que entendemos hoje por rede, mas estávamos no espírito desse encontro e a conexão das diferentes iniciativas, desde universitárias, escolares, de terceiro setor, das mais diversas natureza em torno de alguns princípios e também com o propósito de fazer algum encontro pelo menos anual que permitisse todo mundo se encontrasse a cada ano.

Então, na época eu estava já organizando o terceiro encontro de Cinema e Educação da UFRJ, em 08 de agosto de 2009 com a participação da cineasta Sandra Kogut e oferecia a possibilidade de sediar o primeiro encontro da Rede Kino, enquanto a gente se organizava como grupo para que efetivamente pudéssemos fazer esse encontro entre todos.

O pessoal todo gostou da ideia, foi muito bonito isso, muito generoso também, da parte deles, então em dezembro de 2009 tivemos esse primeiro encontro da Rede Kino, primeiro fórum da Rede Kino junto do terceiro encontro internacional de cinema e educação da UFRJ.

A partir do 2º fórum, passamos a fazer as reuniões gerais, anuais, no marco da CineOP, a mostra de Cinema de Ouro Preto, também por iniciativa, generosidade, e contato da professora Inês Teixeira que nos levou e nos apresentou a Raquel e Fernanda Hallak e elas abraçaram o projeto.

A mostra delas trabalhava história e preservação, então a partir de 2010 incorporaram atividades e ações um pouco mais ligadas a educação e depois definitivamente, uma curadoria de Educação, uma temática de educação que ficou sempre em um diálogo muito estreito com a Rede Kino, dado que a Rede Kino realizava seus encontros anuais lá, sempre os temas, algumas atividades e propostas foram consultados a rede. A gente escuta sempre as sugestões da rede.

Eu digo que a gente escuta por que eu estou curadora da temática educação há algum tempo, desde o ano passado (2019) eu já divido essa curadoria com a professora Clarice Alvarenga, também da UFMG. E pra gente sempre a consulta a Rede Kino é determinante para a definição de temática, convidados.

A Rede Kino no Fórum, habitualmente apresenta algumas mesas, mais ou menos três, de três a quatro mesas com projetos audiovisuais educativos e tem a mostra de educação de filmes que habitualmente são pautados em uma chamada a partir de categorias de criação que tem variado durante o tempo em função de ideias e propostas, de brincadeiras.

Por exemplo, eu lembro que a primeira vez a gente abriu uma chamada com uma ideia que surgiu de Lucrecia Martel quando ela falou por que ao invés de fazer minutos Lumiere não fazem minutos Walter Salles, minutos Humberto Mauro, enfim, trabalhem com a ideia do minuto, mas passem pelos diversos cineastas que querem trabalhar. Então, essa primeira vez teve como chamada o minuto Coutinho, o minuto Humberto Mauro, o minuto Nelson Pereira dos Santos.

Esse último Fórum da Rede Kino, (em 2020) a Mostra de Educação da CineOP, como a gente está nesse processo de isolamento, teve a temática de educação voltada para as telas e as janelas, em um tempo de cuidado, delicadeza e contato. A gente colocou algumas categorias que tinham a ver com a própria temática, então trabalhamos, se a memória não me falha, categorias como: cuidado, delicadeza, contato, sonho, cura, memória e o material audiovisual que chegou foi incrível! Isso é uma marca da Rede Kino, como através dessa participação na produção audiovisual, a gente recebe cada vez mais material qualificado, mesmo se trabalhando de forma doméstica, caseira e sem pretensões. O cuidado com a produção está cada vez mais visível, mais significativo, e também a quantidade de pessoas que mandam trabalhos e dessa maneira também se aproximam e começam a fazer parte da Rede.

SS: Desde o 2 fórum da rede, lá em 2010, na quinta mostra de cinema de ouro preto que são elaboradas as cartas da rede, as cartas da educação que são documentos que encerram os encontros de todos os anos. Nessa carta de 2010, entre os itens, estava a questão de oferecer subsídios para a produção cinematográfica e audiovisual latino-americana, incorporando a defesa da educação, inclusive no âmbito das políticas públicas. Durante todo esse tempo, a Rede Kino e a mostra do CineOP reflete essas questões, analisa essas questões das políticas públicas. De 2010 para 2020, como você avalia essa evolução, se é que a gente pode dizer que há um avanço na organização das políticas públicas para a educação em relação ao audiovisual no Brasil.

AF: Solange, acredito que houve mudanças com um bom direcionamento, mas ainda incompletas, inacabadas, eu diria em estado de latência. Essa carta de 2010 trazia como inspiração o projeto do Senador Cristovao Buarque para criar uma lei de cinema nas escolas que obrigaria as escolas a exibir duas horas de cinema mensal, nacional, no mínimo uma vez por mês, como carga curricular complementar. Essa lei acabou sendo sancionada em junho de 2014 e em 2015 durante a Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis, o Secretário do Audiovisual do Ministério da Cultura, na época Pola Ribeiro estava presente e além da diretora da Mostra de cinema infantil de Florianópolis, Luisa Lins, também estavam presentes Maria Angelica Santos, diretora do Programa de Alfabetização Audiovisual (de Porto Alegre), entre outras pessoas que decidiram criar, com anuência do Secretário do Audiovisual um grupo de trabalho para regulamentar essa lei e encaminhar para o Conselho Nacional de Educação uma proposta de regulamentação da lei. Efetivamente, um grupo foi chamado entre os quais participaram representantes da Ancine, na época Roberto Lima. Também participaram Cláudia Mogadouro, Criadora e Coordenadora do Grupo Cinema Paradiso. Eu estava como representante universitária, éramos um grupo de seis

peças da sociedade civil, mas o bloco grande estava composto por membros do Ministério da Cultura e por membros do Ministério da Educação. Esse grupo, um grupo grande, trabalhou de forma virtual, produzindo e ajustando o texto da proposta. Tivemos em Brasília três encontros presenciais, onde foram discutidos sob orientação da então de uma representante do Ministério da Cultura e discutimos questões de educação dentro do Ministério da Cultura, e nesse trabalho virtual e presencial resultou na proposta de regulamentação que foi entregue em maio de 2016 ao Conselho Nacional de Educação, no catálogo da CINEOP de 2016 consta esta proposta na íntegra, tomara que os catálogos da CINEOP agora sejam digitalizados e colocados disponíveis todos, por que era uma proposta bastante elaborada, o próprio Conselheiro que recebeu a proposta foi Cesar Callegari que ao apresentá-la e entregar o documento, ele manifestou que parecia estar recebendo um Plano Nacional de Cinema da Escola e não uma proposta de regulamentação da lei, mas foi um trabalho feito com muito cuidado, com muito carinho, que tomou a carta da Rede Kino de 2015 como talvez a principal fonte de referência, mais as contribuições que chegaram de cada membro que participou, e ainda a comissão citou novamente, no mesmo ano, em novembro, o conselho nacional de educação para checar o estado de andamento da regulamentação da lei no conselho e recebemos como retorno que estava em estado latente, por que nesse momento toda a atenção do conselho estava centrada na Base Nacional Comum Curricular, onde curiosamente o cinema não entra como uma linguagem, nem entra como uma sub-linguagem dentro de artes visuais, apenas entra umas 17 vezes ao longo de todo o texto, sempre um pouco pelas brechas. Mas enfim, nada impede que a gente continue lutando, defendendo. Algumas organizações se posicionaram fortemente, como por exemplo a SOCINE, dando força ao nosso trabalho. Mas até agora, efetivamente não temos uma política pública que dê conta da formação docente, da curadoria, da necessidade de digitalizar as plataformas, de levar esse cinema brasileiro a um formato

mais acessível para as escolas, trabalhar as leis de direitos autorais das produtoras e tudo mais.

SS: Pois então, Adriana, eu lembro dessas articulações e acho que foi um momento bastante importante das relações do Ministério da Educação, com o Ministério da Cultura que existia naquele momento na tentativa de uma política articulada e integrada entre a cultura e a educação. Inclusive, nesse documento do grupo de trabalho, mostrava como essa lei 13/006 constituía um desafio pedagógico e cultural também para tornarem acessíveis os filmes nacionais para os estudantes e professores de todo o país. A questão do acesso continua sendo um ponto que fecha as possibilidades por que o acesso ainda não se dá nessa questão que você coloca de necessidade de plataformas, necessidade de uma formação integrada dos professores porque além da obrigatoriedade da lei caso ela fosse regulamentada, ou caso ela seja um dia regulamentada que eu acho que é um outro processo de discussão, a questão da exibição e da integração com propostas pedagógicas continuam no horizonte, mas voltando a questão do acesso, como você vê essa dificuldade dos professores que ainda a gente escuta em alguns cursos que ministramos por aqui e acredito no trabalho que você desenvolve também, de que não conhecem o cinema brasileiro, não vou nem falar do cinema latino que é mais desconhecido ainda nas escolas, mas o cinema brasileiro e essa questão do acesso, como a gente poderia trabalhar um pouco mais com isso dentro desse território das escolas?

AF: Solange, é verdade que existe pouca filmografia efetivamente disponível do cinema nacional, mas também não é verdade que não temos nada para dar início a esses trabalhos, a essas iniciações de contato entre as escolas e as filmografias produzidas aqui no país. Eu quero dar um destaque muito especial em defesa da Cinemateca Brasileira e da injustiça com ela, como também a todas as outras Cinematecas, eu acredito que o processo de digitalização delas é um processo que vem um pouco atrasado justamente por falta de polí-

ticas de acesso e de recurso para efetivamente torná-las públicas, mas que por exemplo a Cinemateca do Museu de Arte Moderna, começou este ano e acabou de criar uma área digital e estão começando a digitalizar o seu acervo, a Cinemateca Brasileira, por exemplo tem uma parte digitalizada e inclusive uma parte para nós educadores muito interessante que são os conteúdos culturais onde constam mais de 200 filmes do Instituto Nacional de Cinema Educativo que Humberto Mauro gravou e que a Cinemateca Brasileira com o CTAV (Centro Técnico Audiovisual) restauraram há um par de anos e estão disponíveis, atualmente. Também temos o SPCINE, que é a única plataforma pública de streaming do Brasil que está com um acervo bem significativo disponível e o SESC Digital também está incorporando cada vez mais filmes nacionais. Fora isso, acredito que tem algumas plataformas específicas para crianças, crianças pequenas como é por exemplo o site do Filmes que Voam que são praticamente uma sub-curadoria do Festival de Cinema Infantil de Florianópolis, tem o Curta Petrobrás que também tem uma quantidade de filmes de curtas bem importante e em termo assim, para quem quiser abraçar alguns exemplos fora do país, eu acho que a Cineteca mais completa em termos de digitalização é a Cinemateca Chilena que tem praticamente todo o seu acervo digital e é tão importante a articulação que ela tem como possibilidade ao menos com as escolas.

O currículo da educação chilena foi absolutamente mudado em função da covid, da necessidade da virtualidade e agora a expressão cinema entra 706 vezes se a gente abrir o currículo chileno. Então assim, há um processo de atualização da proposta educacional em função da disponibilidade de filme. Quando comecei essa pesquisa, no ano passado, o Chile não tinha essa quantidade de filmes disponíveis e muito menos no currículo essa presença tão massiva do cinema. A Cinemateca Uruguaia por exemplo, tem 30 % do seu acervo digitalizado, então eu acho que é um destino inevitável. As Cinematecas, o Museu da Imagem e do Som vão terminar efetivamente digitalizando os seus acervos para conseguir compartilhá-los. Mas

é preciso que haja investimento, apoio, políticas públicas. Mas sabemos que neste momento há uma espécie de descaso para com a educação, quanto para a cultura e para saúde.

SS: Adriana, muito obrigada por essa participação aqui em nosso programa, eu acho que você levantou questões que são fundamentais de acesso, a questão da digitalização. E já deixo o convite aqui para conversarmos em outras ocasiões. Obrigada! E vamos continuar trabalhando cada uma na sua universidade, nas suas integrações de rede pela ampliação do acesso, pela difusão do cinema brasileiro na escola. Muito obrigada! E você agora tem o espaço, se quiser fazer alguma outra consideração.

AF: Solange, eu queria muito agradecer essa possibilidade. A virtualidade da educação remota trás a necessidade de a gente incorporar mais formas de conhecimento audiovisual e para isso penso que os projetos que temos trabalhado com audiovisual e educação, podemos nos transformar em pontes para facilitar o conhecimento, recursos, acertos, pequenas informações que permitam a todo professor fazer um trabalho de produção de conhecimento escolar em diálogo com as linguagens audiovisuais e com referência ao cinema. Obrigada!

SS: Obrigada, Adriana.

Encerramento: E esse foi mais um episódio do LabEducine. Aproveite e nos siga nas redes sociais, acesse o nosso site (www.labeleducine.org) lá você encontra informações a respeito de nosso trabalho. Compartilha esse podcast, até o próximo episódio.